

Revista **a** EVOLUÇÃO

José Wilton dos Santos

DESCOBRIR-SE EDUCADOR:
O percurso exitoso de um Professor Poeta



LANÇAMENTO



DOCÊNCIA EM FOCO
Compartilhando Saberes

ANTÔNIO R. P. MEDRADO
MANUEL FRANCISCO NETO
[Org.]



Filada à:
**ABEC
BRASIL**
Associação Brasileira de Estudos Científicos



PERIÓDICO
CIENTÍFICO
DIGITAL
Nº 55/24
11.1000-1000-1000



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Vilma Maria da Silva

Organização: Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.55>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Lee Anthony Medrado
Vilma Maria da Silva

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 55 (out. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 116 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral aguardar

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.55

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Colaboradores voluntários em:



São Paulo | 2024

Publicada no Brasil por:

**Edições
Livro Alternativo**
CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

7 DESTAQUE

JOSÉ WILTON DOS SANTOS

DESCOBRIR-SE EDUCADOR:

O percurso exitoso de um Professor Poeta

17 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

21 POIESIS

Ode à educação



ARTIGOS

1. A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS INFANTIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA ANDREIA FERREIRA DE MELO FARIA	23
2. FORMAÇÃO DO DOCENTE NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO MUSICAL ANDRÉIA NOVAES SOUTO RIBEIRO	29
3. NEUROPSICOPEDAGIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA APLICAÇÃO ANGÉLICA GAVARRON	39
4. AUTONOMIA E APRENDIZAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA ANGELITA APARECIDA FERREIRA GEBIN	47
5. REFLEXÕES SOBRE O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO ARLENE ALVES DA SILVA	55
6. A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DANIELA DE MELO SANTOS	61
7. A INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA EDNEIA MACHADO DE ALCÂNTARA	67
8. VERTENTES FEMINISTAS PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL EQUITATIVA E EMANCIPATÓRIA FRANCISCA FRANCINEUMA DE LIMA	73
9. FORMAÇÃO DO CIDADÃO LEITOR E BIBLIOTECAS PÚBLICAS GRAZIELA DE CARVALHO MONTEIRO	79
10. NARUTO E A CULTURA DE PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES/FÃS NA ESCOLA: MAIS UM BREVE ENSAIO ISAC DOS SANTOS PEREIRA	85
11. A MOTRICIDADE DO BEBÊ NO PRIMEIRO ANO DE VIDA ROSA MARIA FOLHA MOS	93
12. A EDUCAÇÃO COMO PRIORIDADE, UMA RESENHA CRÍTICA SOBRE A OBRA DE DARCY RIBEIRO VANDERSON CRISTIANO DE SOUSA	99
13. OS JOGOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL VIVIANE DE CÁSSIA ARAUJO	105
14. O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO CLÍNICO WIVIAN LINARES DE SOUZA	111

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

Filiada à: _____



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Plataforma
coordenada por
OJS / PKP

VERTENTES FEMINISTAS PARA UMA EDUCAÇÃO INFANTIL EQUITATIVA E EMANCIPATÓRIA

FRANCISCA FRANCINEUMA DE LIMA¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo trazer algumas vertentes feministas como forma de luta emancipatória e equitativa entre homens e mulheres tendo em vista que segundo dados da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo de 2023, 83% da Rede Municipal de Educação é formada por mulheres. Sendo assim, é de suma importância entender as vertentes feministas para uma educação que vise as formas que o movimento feminista pode ser abordado. Cada lugar, cada “tribo”, cada feminista tem em seu modo de lutar contra a opressão do patriarcado. Esse modus operandi tem sua peculiaridade e sua formação como base fortalecida dentro do movimento feminista na educação.

Palavras-Chave: Educação Feminista; Emancipação; Equidade; Respeito.

INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma fase crucial no desenvolvimento de crianças, onde elas começam a explorar o mundo ao seu redor e a desenvolver habilidades essenciais para a vida. Nesse contexto, os conceitos desempenham um papel fundamental. Incorporar conceitos como o feminismo na educação infantil não apenas estimula a diversidade, mas também promove o acolhimento e respeito ampliando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças.

Piaget destaca na sua visão sobre o desenvolvimento cognitivo é:

O principal objetivo da educação é criar pessoas que são capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram; pessoas que são criativas, inventivas e descobridoras. O segundo objetivo da educação é formar mentes que são críticas, que podem verificar e não aceitar tudo que lhes é oferecido. (PIAGET, 1970, p. 38)

O feminismo, ao longo das últimas décadas, tem desempenhado um papel crucial na reconfiguração das perspectivas e práticas educacionais. As vertentes feministas na educação emergem como movimentos diversificados que buscam questionar, desafiar e transformar estruturas patriarcais e desigualdades de gênero presentes nos ambientes educacionais. Essas vertentes englobam uma ampla gama de abordagens teóricas e práticas que vão desde a crítica das narrativas históricas e currículos tradicionais até a implementação de pedagogias que promovem a equidade de gênero e o empoderamento das mulheres.

A educação feminista não é monolítica; ela se divide em várias correntes que refletem diferentes contextos culturais, históricos e sociais. Entre elas, destacam-se o feminismo liberal, que advoga por igualdade de oportunidades e direitos dentro das estruturas

¹ Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Araras, SP. Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP. Graduação em Geografia pela Universidade Metropolitana de Santos UNIMES, Santos, SP. Professora de Educação Básica II na modalidade de Geografia na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, SEE e Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

existentes; o feminismo radical, que busca uma transformação mais profunda das relações de poder e das instituições sociais; e o feminismo interseccional, que analisa como múltiplas identidades e opressões – como raça, classe e sexualidade – se entrelaçam e influenciam as experiências educativas. Cada vertente traz contribuições únicas e importantes para a construção de uma educação mais inclusiva e justa, enfatizando a necessidade de reconhecimento e valorização das diversidades e das subjetividades de cada indivíduo.

Ao explorar essas vertentes, compreendemos que a luta feminista na educação não se limita apenas à inclusão de mulheres nos espaços acadêmicos, mas também à criação de um ambiente onde todas as pessoas possam aprender e ensinar de forma plena e igualitária, livre de preconceitos e discriminações. Dessa forma, as vertentes feministas na educação nos convidam a repensar e reimaginar as práticas pedagógicas e as estruturas institucionais para que se tornem verdadeiramente emancipadoras e transformadoras.

QUAL É A SUA VERTENTE? OS FEMINISMOS

Com o passar das ondas feministas e o avanço do mundo, movendo-se por diversas nuances econômicas, sociais e políticas, dentro do movimento feminista, surgem várias vertentes, cada uma com sua própria linha de pensamento, considerando todo estereótipo feito ao movimento, na maior parte por homens machistas, misóginos e narcisistas.

E, para exemplificar as diferentes concepções, tem-se os feminismos que seguem abaixo.

ILUMINISTA

Pode-se dizer que um dos primeiros feminismos é o feminismo iluminista como movimento intelectual. As mulheres que participavam desse movimento eram brancas e burguesas, pois tinham acesso à leitura e educação de forma geral. Para Rousseau, as

mulheres eram menos racionais e mais fracas, fazendo-as dependentes dos homens. Já Diderot e Jeremy Bentham reconheciam que as capacidades intelectuais das mulheres eram iguais e apoiavam sua luta por igualdade de gênero. (FEMINISMO..., 2019).

O iluminismo promoveu princípios de igualdade coletiva e individual; sendo assim, as primeiras feministas (que não recebiam essa denominação) usavam desse pensamento para exigir direitos iguais aos dos homens.

FEMINISMO MARXISTA

No livro O Manifesto Comunista, os teóricos Karl Marx e Friedrich Engels colocam que as mulheres são afetadas pelo capitalismo, que trata as cidadãs como submissas, de classe inferior. O feminismo marxista acredita que a opressão das mulheres é principal ou exclusivamente um efeito desse capitalismo. Numa sociedade capitalista dominada pelos homens, o trabalho “improdutivo” das mulheres estava na base da pirâmide social, que no topo dela tem os proprietários dos meios de produção e no meio o trabalho produtivo e remunerado.

O burguês vê sua mulher como mero instrumento de produção. Ele ouve dizer que os instrumentos de produção devem ser explorados de forma comum e conclui, naturalmente, que haverá comunidade de mulheres. Ele não imagina que, nesse caso, trata-se precisamente de abolir o papel da mulher como simples instrumento de produção. A propósito, nada mais ridículo que a indignação moralizante de nossos burgueses sobre a pretensa comunidade oficial de mulheres que os comunistas adotariam. Os comunistas não precisam introduzir a comunidade das mulheres, ela quase sempre existiu. (MARX; ENGELS, 2008, p. 40)

Paul Frolich (2019, p. 76) escreve que “[...] para Rosa Luxemburgo o irreversível avanço da luta da classe proletária leva as mulheres trabalhadoras para dentro do turbilhão da vida política”. Uma nova ideia de mulher surge a partir de movimentos revolucionários na Rússia dos anos 1900, o que levou ao desenvolvimento do feminismo marxista. Alexandra Kollontai, revolucionária comunista, colocou a emancipação

feminina e a igualdade de gênero na pauta central da agenda socialista internacional.

FEMINISMO RADICAL

Conhecido como feminismo radical, foi fundado por Shulamith Firestone e Ellen Willis, em 1969, o Redstockings ou “meias vermelhas”, em referência à simpatia do feminismo com a extrema-esquerda. O objetivo dessa vertente feminista era acabar com a opressão sobre as mulheres, conquistando soberania sobre o próprio corpo e colocando em prática a mudança social radical.

Em 1969, houve um protesto desse grupo em uma audiência no estado de Nova Iorque sobre a reforma do aborto. De 15 representantes, a única mulher era uma freira. O grupo defendeu que as mulheres tivessem o direito de testemunhar sobre o assunto. Cerca de um mês depois, ativistas do Redstockings organizaram um ato na Igreja Metodista da Washington Square, também em Nova Iorque. Na ocasião, 12 mulheres relataram suas experiências em relação ao aborto ilegal, a dor extrema, o medo, o perigo e os custos. Essa luta rendeu frutos e, em 1973, a Suprema Corte dos EUA decidiu a favor do direito ao aborto até o terceiro trimestre de gravidez. Já em 2017, em um retrocesso no governo, Donald Trump assina uma ordem executiva que proíbe que as organizações de saúde, aprovadas pelo estado, ofereçam cobertura para o aborto.

Conforme Shulamith Firestone (1970, p. 121), “[...] a menos que uma revolução destrua a raiz da organização social básica... o parasita da exploração nunca será aniquilado”. Dentro das pautas feministas radicais estão: fim da indústria pornográfica, maternidade compulsória, violência obstétrica, violência masculina, descriminalização do aborto, etc.

FEMINISMO RADICAL TRANSEXCLUDENTE

Desde os anos 1970 nos EUA, houve um subgrupo bem atuante de feministas que acreditavam que suas vidas e experiências de opressão são diferentes das que viveram as

mulheres trans, pois elas foram designadas “mulheres” ao nascer e sempre se identificaram assim. Essas mulheres foram denominadas TERFS, sigla em inglês para “Feministas Radicais Transexcludentes”. As críticas para esse movimento são, ao mesmo tempo, amplas e violentas, pois, em 1973, na Califórnia, a coorganizadora da Conferência Lésbica da Costa Oeste, Beth Elliot, foi embora depois de ser atacada pelo grupo separatista lésbico “The Guter Dykes” por ser trans. Já, em 2008, a escritora e blogueira Viv Smythe, uma mulher cisgênero, cunha a expressão “feminismo radical transexcludente”, para diferenciar a comunidade feminista radical transinclusiva à qual pertence. As feministas transinclusivas questionam se um feminismo que autoriza a exclusão de um grupo que está às margens pode ser chamado de feminismo. Segundo Raymond (1979, p. 120), “Todos os transexuais estupram os corpos das mulheres ao reduzir a forma feminina real a um artefato, apropriando-se desse corpo para si mesmas”.

ECOFEMINISMO

Em 1974, a feminista francesa Françoise d'Eaubonne cunhou o termo “ecofeminismo” para uma nova vertente do feminismo que se fixou na ecologia, no estudo da integração entre os organismos e o seu meio ambiente. Essa vertente acredita que a dominação, a degradação do meio ambiente e a exploração e opressão contra as mulheres têm conexões significativas.

Ecofeministas, como Vandana Shiva, assumem uma posição politicamente mais radical. Shiva (1993, p. 25) diz que “[...] ciência e tecnologia não são um gênero neutro”. Pode-se dizer que Vandana Shiva é a figura-chave dessa vertente. Nascida em 1952, Vandana estudou física na Índia e depois filosofia da ciência no Canadá. O movimento ganhou força em 2004, quando Wangari Maathai se tornou a primeira mulher africana a receber o prêmio Nobel da Paz por sua contribuição ao desenvolvimento sustentável. E, em 2016, a Conferência Ecofeminista da Costa Oeste, na Califórnia,

abordou a degradação das mulheres, os direitos dos animais e o meio ambiente em um mundo patriarcal violento. Vandana Shiva (1993, p. 30) disse: “Vemos a devastação da Terra... por guerreiros corporativos como uma preocupação feminista.”.

MULHERISMO

A citação fundamental para representar a vertente do mulherismo africana é Alice Walker, nascida em 1944, em Eatonton na Georgia, EUA, filha de um casal de meeiros afro americanos. Quando ficou cega de um olho em um acidente, sua mãe lhe deu uma máquina de escrever e permitiu que ela escrevesse, em vez de fazer as tarefas de casa. Formou-se em 1965 e se mudou para o Mississippi, onde acabou se envolvendo com o Movimento pelos Direitos Civis. Sua obra mais famosa, intitulada *A Cor Púrpura*, ganhou o Prêmio Pulitzer e uma adaptação para o cinema, dirigida por Steven Spielberg, em 1985.

Essa vertente, segundo Walker (2016), coloca que, independentemente de raça, classe ou gênero, as pessoas produzem de forma igual. O mulherismo busca renunciar as divisões de classe, promover a igualdade de gênero, a liberdade sexual e a rejeição do racismo. Mas o que significa o termo “mulherismo?”. Segundo Walker (2016, p. 40), “[...] mulherismo é o amor para com todas as mulheres”. Esse amor pode ou não ser sexual. Ela enfatiza que um vínculo entre mulheres exalta sua vida emocional e sua força. Alice vai além e declara que mulherismo é tanto para mulheres heterossexuais que têm um parceiro homem quanto para mulheres lésbicas e mulheres que amam homens como amigos. Essa ideia de Alice Walker desafiou as feministas radicais e lésbicas que insistiam que a luta coletiva contra o patriarcado tinha que excluir os homens. Hoje em dia, o mulherismo ainda é debatido, mas é usado como um conceito histórico.

FEMINISMO INDÍGENA

Mulheres indígenas sofrem desigualdades por razões relacionadas tanto ao gênero quanto à etnia. Elas enfrentam uma

dupla opressão e, como forma de combate, elas aumentam sua participação na luta étnica, acrescentando questões femininas ao debate, e assim, com essa estratégia, a autonomia feminina e a autonomia étnica se conectam.

O feminismo indígena se concentra nas mulheres cuja origem racial é de um dos povos originários dos países que foram ocupados por colonos europeus. É um movimento ativo nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Brasil e Nova Zelândia. Mas também, em lugares como Chiapas, no México, onde o Movimento Revolucionário Zapatista protesta contra a opressão do povo indígena pelo Estado. Essa vertente escreve sobre o impacto da colonização, invasão de europeus, sobre o extrativismo, supremacia branca, genocídio, violência sexual, nacionalismo anti-indígena e patriarcado europeu, que foi introduzido nas terras colonizadas.

As feministas observam que a colonização teve um profundo impacto nas estruturas familiares nativas e na capacidade das mulheres de parir e criar os filhos e filhas em um ambiente apropriado a sua origem racial.

FEMINISMO UNIVERSAL

Em 2000, bell hooks, um ícone feminista norte-americano, publicou o livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, em que defende que o feminismo é bom para as mulheres e para os homens. Já em 2004, nos EUA, Jessica Valenti criou o site “feministing.com”, desenvolvido por e para jovens feministas. Em 2016, a revista “Billboard” descreveu o álbum *Lemonade*, de Beyoncé, como um trabalho revolucionário de feminismo negro. E, em 2017, foi publicado, nos EUA, *Histórias de ninar para garotas rebeldes*, com histórias que desafiam os estereótipos de gênero. Porém a citação fundamental do feminismo universal é Chimamanda Ngozi Adichie que, em seus livros *Para educar crianças feministas: um manifesto* e *Sejamos todos feministas*, coloca que devemos criar filhos e filhas de forma diferente para que a próxima geração tenha ideias mais igualitárias

sobre gênero. Em seu livro *Para educar crianças feministas: um manifesto*, ela argumenta com quinze ideias sobre como criar uma filha de maneira neutra em relação à cultura de gênero que está arraigada na Nigéria e na sua própria cultura.

No final da primeira década do século XXI, houve uma enorme agitação no discurso feminista por toda a internet, em especial na esfera feminista. Muitas mulheres ainda tinham a ideia de um “pós-feminismo” de que a batalha contra o patriarcado já tinha findado e as mulheres podiam escolher os seus caminhos. Algumas argumentavam que o feminismo era muito hostil aos homens e não tinha significado mais. Outras, por sua vez, denunciavam o egoísmo das feministas em relação a mulheres que ainda sofriam pressões patriarcais, bem como seus radicalismos. Essa vertente chega para acabar com isso e mostrar que a luta ainda continua e a batalha é árdua e deve trazer para o debate homens e mulheres, todos, todas e todes; só assim se fortalecerá o feminismo e se combaterá o sexismo para, enfim, chegarmos à igualdade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As definições de patriarcado, machismo, feminismo, vão além do que está escrito, é “escurecedor” quando nos damos conta do itinerário que essas definições caminharam e a ferida profunda que causam para todos, todas e todes. Devemos sempre pensar o quanto o movimento feminista foi e é importante para a construção de uma sociedade mais igualitária em relação ao gênero e suas nuances.

Pode-se observar que as trajetórias feministas transitam por movimentos políticos dominados pelo patriarcado estrutural e sexista de uma sociedade não só americana. Em todo o mundo a opressão das mulheres foi e ainda é marcada pela violência doméstica, moral, física, de bens e afins. Ao longo do percurso que o feminismo tomou vê-se como as mulheres têm que lutar e lutar. Até quando? Apenas resistir e resistir.

As vertentes feministas se destacam em seus pontos fortes e fracos, o importante é que não nos encaixemos em uma única “caixa”, e sim num todo feminista, com suas diversas pautas e formas de lidar com todos os assuntos que cercam e cerceiam esse movimento social e extremamente importante, lutando cada dia contra o patriarcalismo, sexismo, misoginia, machismo e todas as formas de opressão, sejam elas políticas, sociais, capitalistas, etc...

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.
- MARX, K.; ENGELS, F. *O manifesto comunista*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MELO, H. P. de; MARQUES, T. C. de N. Partido Republicano Feminino. Partido: Registros de Sociedades Cívis, 1º Ofício de Títulos e Documentos, 18/8/1911. Arquivo Nacional, Fundo FBPF. Diário Oficial, Rio de Janeiro, 17 dez. 1910. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEMININO.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- PIAGET, J. *A Construção do Real na Criança*. Ed. 1. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1970.
- RAYMOND, J. *The Transsexual Empire*. Boston: Beacon Press, 1979.
- SHIVA, V. *Reductionism and Regeneration: A Crisis in Science*. In: SHIVA, V.; MIES, M. *Ecofeminism*. London: Zed Books, 1993. p. 22-35.
- WALKER, A. *A cor Púrpura*. Tradução de Betúlia Machado, Maria José Silveira, Peg Bodelson. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.



ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Andreia Ferreira de Melo Faria
Andréia Novaes Souto Ribeiro
Angélica Gavarron
Angelita Aparecida Ferreira Gebin
Arlene Alves da Silva
Daniela de Melo Santos
Edneia Machado de Alcântara
Francisca Francineuma de Lima
Graziela de Carvalho Monteiro
Isac dos Santos Pereira
Rosa Maria Folha Mos
Vanderson Cristiano de Sousa
Viviane de Cássia Araújo
Wivian Linares de Souza



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.55>



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres:



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

